



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR SOBRE O PPGEA/FURG

Susana Inês Molon¹

RESUMO

Neste texto, pretendo discutir o processo de formação em Educação Ambiental no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, nível mestrado e doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/Furg). Apresento uma breve contextualização do campo da Educação Ambiental e da complexidade das dimensões implicadas na formação do educador ambiental. Enfoco as várias denominações e algumas possibilidades de classificações da Educação Ambiental, ressaltando a sua identificação na área da Educação e problematizando as relações entre ambas e entre o meio ambiente. Abordo o processo de constituição do educador ambiental no PPGEA/Furg, tendo presente alguns questionamentos e posições assumidas nesse processo formativo, bem como algumas questões vividas na condição de docente do PPGEA/Furg, desde 2001, e na passagem pela coordenação do Programa durante os anos de 2005 a 2006. Para finalizar, ressalto a articulação entre a Abordagem Sócio-histórica e a Educação Ambiental transformadora como uma das possibilidades potencializadoras de se trabalhar com a trama da constituição mútua dos sujeitos implicados nos processos de formação em Educação Ambiental, abordando os diferentes sujeitos, docentes e discentes, no contexto da Pós-graduação em Educação Ambiental, comprometidos com a transformação na sociedade.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Pós-graduação. Abordagem Sócio-histórica.

ABSTRACT

In this text, I intend to discuss the process of formation in Environmental Education at the Program of Post Graduation in Environmental Education, at the level of Master and Doctor degree at the Universidade Federal de Rio Grande (PPGEA/Furg). First, I present a brief

¹ Doutora em Psicologia Social, Professora Associada do Instituto de Ciências Humanas e da Informação e do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Rio Grande, RS. <susana.molon@furg.br>

contextualization of the Environmental Education field and the complexity of the dimensions implicated in the environmental educator's formation. I emphasize the several denominations and the possibilities of classifying the area of Environmental Education, remarking its identification with the issues of Education, questioning the relationships between both and the environment. I approach the process of the environmental educator's constitution in the PPGEA / Furg, having in mind some questions and positions built during these formative process, as well as some issues that I lived as a lecturer at PPGEA/rg since 2001 and during the role of coordinator from 2005 to 2006. To conclude, I emphasize the articulation between the Sociohistorical Theories and the field of the transforming Environmental Education as one of the possibilities which potentialize the work with the weave of the mutual constitution of the implicated subjects in the formation processes in Environmental Education, approaching different individuals, lecturers and students, in the context of the post-graduation in Environmental Education, committed with the changes of the society.

Keywords: Environmental education. Post-graduation. Sociohistorical approach.

INTRODUÇÃO

Primeiramente quero agradecer à comissão coordenadora da I Semana de Estudos e Debates em Ensino de Ciências (I SEDEC) e do III Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (III CPEASul) o convite para compor este grupo de estudos com a temática da Formação em Educação Ambiental, junto com os colegas, a Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Marchiorato Carneiro e o Prof. Dr. Antônio Fernando Silveira Guerra.

Quero também ressaltar a dinâmica desse evento, em que a questão principal é o debate, além do fato de os textos serem disponibilizados com antecedência, o que permite que os participantes conheçam a produção escrita que será apresentada e possam ir estabelecendo diálogos com os autores e contribuindo para com suas críticas e sugestões. Desse modo, minha intenção é oferecer um material que fortaleça essa modalidade de participação e discussão neste nosso encontro.

Pretendo abordar alguns aspectos do processo de formação em Educação Ambiental no Programa de Pós-graduação, nível mestrado e doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande.

CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Em primeiro lugar, é importante dizer que não se pode falar em formação de educadores ambientais fora de um contexto sócio-histórico e ignorando o processo de consolidação – produção, apropriação e intervenção – do campo da Educação Ambiental (EA). Acredita-se que a constituição do educador ambiental está implicada com os pressupostos teóricos, filosóficos, éticos, políticos e socioculturais que fundamentam essa

área, com as concepções pedagógicas e psicológicas que subsidiam os processos de ensinar e aprender dos sujeitos formadores e formandos, com as possibilidades e limites encontrados nos diversos contextos de formação. Além disso, é necessário conhecer e dialogar com os autores e interlocutores, com as publicações de livros, das revistas e periódicos da área. É preciso entender as relações entre a EA e a Educação e entre a EA e as demais áreas do conhecimento; bem como conhecer os documentos e leis, as políticas públicas em EA. Ainda, acompanhar os eventos promovidos, participar dos eventos, do GT da ANPEd e das ANPEds Regionais. Cabe destacar a importância da presença e da participação de educadores ambientais no GT EA na ANPEd Nacional e na ANPEd-Sul.

Conhecer e se apropriar da trajetória e dos fundamentos da Educação Ambiental possibilita compreender a história, os princípios, os movimentos políticos e sociais, as ações e os programas de EA, tudo isso articulado com os processos políticos, filosóficos, sociais, econômicos que explicam seus aparecimentos, seus percursos e seus desdobramentos históricos.

Dentro disso, tem-se presente o diálogo com os autores que realizam estudos aprofundados e trazem colaborações significativas sobre essas questões e temáticas, como, por exemplo, Carvalho (2004), Cascino (2003), Dias (2004), Loureiro (2004), Sato & Carvalho (2005) e Tozoni-Reis (2004).

Conhecer tudo isso é necessário, mas não suficiente para a formação do Educador Ambiental. É preciso participar e acompanhar o debate sobre a definição ou as definições de Educação Ambiental e, principalmente, refletir criticamente sobre o que está sendo dito.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA QUESTÃO RECORRENTE?!

Falar em formação do Educador Ambiental implica conhecer a EA, haja vista que se tem uma definição ou múltiplas conceituações de EA. Considerando essa diversidade conceitual, pode-se falar que são Educações Ambientais no plural ou Educação Ambiental no singular com múltiplas tendências ou correntes?

Vários autores já se debruçaram sobre a pergunta “O que é Educação Ambiental?”. Muitos deles trabalharam sobre a expressão Educação Ambiental analisando-a como a composição de um substantivo e de um adjetivo; alguns defenderam que se trata de dois substantivos. Outros defendem a expressão EA de forma adjetivada, conferindo-lhe diferentes significados.

Nesse universo, tem-se uma diversidade e uma multiplicidade de possibilidades de denominar Educação Ambiental. Além disso, dependendo da forma como a expressão é conceituada, surgem inúmeras maneiras de apresentá-la e identificá-la por meio do reconhecimento das tendências ou correntes que transitam nesse campo e, principalmente, pelo modo como se concebe a EA e qual sua principal função social e política na sociedade.

Algumas pessoas podem considerar essa discussão ultrapassada, desnecessária e sem sentido. Os que defendem essa postura provavelmente argumentam que assumir suas abordagens e os seus pontos de vista são suficientes. Mas a questão não é apenas individual, é também coletiva e pública na defesa de um campo de conhecimento e de intervenção comprometido com a democratização da sociedade.

Portanto, entender o debate em torno da complexidade da definição da EA faz parte do processo constitutivo do educador ambiental.

ALGUMAS POSSIBILIDADES DE CLASSIFICAÇÕES E DENOMINAÇÕES DA EA

Alguns autores já realizaram o trabalho de mapeamento e identificação das diversas definições, classificações e das várias tendências da EA, mas deve-se ter um cuidado quando da apropriação das informações desses trabalhos, principalmente buscando compreender em que situações sociais, políticas e históricas eles foram produzidos.

Uma das primeiras tentativas de apresentar uma tipologia sobre os modos de fazer Educação Ambiental evidenciava a EA “sobre”, “no” e “para” o ambiente, sendo que já se visualizavam as diversas combinações entre essas formas de EA que coexistiam. A partir dessas possibilidades, os autores analisavam a vinculação desses fazeres com as teorias que os fundamentava, como o positivismo, o construtivismo e a teoria crítica da educação, alertando para a dificuldade de unificação, pois são propostas ideológica e epistemologicamente distintas.

Nessa discussão, Sauv e e Orellana (2003) ressaltam que ao se falar em educa o “sobre”, “no” e “para” o ambiente n o se est  definindo o objeto central da EA, ou seja, a rede de rela es entre as pessoas, seu grupo social e o meio ambiente.

Sauv e (2005) apresenta uma cartografia das correntes em EA desenvolvidas nos contextos culturais norte-americano e europeu, mostrando como cada uma das correntes concebe o meio ambiente, qual o principal objetivo educativo e os enfoques privilegiados, bem como apresenta alguns exemplos de estrat gias ou de modelos que ilustram a corrente. A

autora finaliza o texto alertando sobre as zonas de convergências entre as correntes, e a necessidade de continuação desse trabalho, de modo a acompanhar a trajetória da EA, uma vez que não foram contemplados os trabalhos dos educadores da América Latina nem de outros contextos culturais.

Na América Latina e no Brasil, essa diversidade também existe, mas outras tendências emergem e estão caracterizando o campo.

Carvalho (2004a) fala da necessidade de superação de uma visão ingênua de EA e da construção de uma EA crítica. Loureiro (2004a) refere-se à EA convencional e à EA transformadora. Quintas (2004), Guimarães (2000) e Lima (2005) contrapõem, respectivamente, a Educação no processo de Gestão ambiental, a EA crítica e a EA emancipatória à EA convencional, tradicional, conservadora.

Essas diversas maneiras de conceber a EA e as tendências estão imbricadas com o modo de compreender a Educação e o ambiente e, principalmente, a relação entre eles.

A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL, DA EDUCAÇÃO E DO AMBIENTE

Diante das diversas possibilidades de se identificar e fazer a EA, uma discussão torna-se ainda mais complexa quando se agrega as questões da Educação e do Ambiente – incluindo o percurso histórico de cada uma –, uma vez que há o entendimento de que a EA não é somente a justaposição desses dois campos (pois quando emerge passa a ser outra coisa, incorporando suas raízes), mas torna-se algo diferente, em que a Educação e o Ambiente não podem ser vistos em si. Portanto, o objeto da EA não é a prática ou a ação educativa em si nem o meio ambiente como tal. Nesse sentido, compreende-se que a noção de meio ambiente:

... diz respeito a um determinado espaço-tempo histórico, um lugar definido onde ocorrem as relações dinâmicas e as interações resultantes das atividades humanas e da natureza. Assim, todas as transformações produzidas nas relações dos sujeitos com o meio natural e construído constituem o meio ambiente. (MOLON, 2006, p. 162).

Em um exercício rápido de leitura de alguns teóricos educadores ambientais, pode-se situar essa discussão por meio de um debate que leve em consideração a especificidade da EA e a caracterização das implicações e das repercussões dessa especificidade com as outras áreas do conhecimento. A partir disso, pode-se definir três diferentes maneiras de compreensão. Uma primeira possibilidade trabalha com a EA como sendo a associação do ambientalismo e da ação educativa, em que se consideram os problemas relativos a todas as formas de vida

existente em sua estrita correlação com o meio natural. Essa proposta é defendida por Cascino (2003), que entende que a EA só existe enquanto área se considerada na estreita articulação de sua prática de produção e transformação do conhecimento com o conjunto do processo educacional. O mais importante dessa concepção é “sua inserção prática, sua existência condicionada ao fazer e ao interferir, (...) sua condição eminentemente interdisciplinar, [...]” (CASCINO, 2003, p. 12).

Uma segunda possibilidade apresenta a perspectiva de que a EA “se inscreve e se dinamiza na educação, compreende que a EA é formada nas relações estabelecidas entre as múltiplas tendências pedagógicas e o ambientalismo, em que o ‘ambiente’ e a ‘natureza’ são as categorias centrais e identitárias da EA” (LOUREIRO, 2004a, p. 66). Essa proposta defendida por Loureiro diz que “a adjetivação ambiental se justifica tão somente à medida que serve para destacar dimensões esquecidas historicamente pelo fazer educativo, no que se refere ao entendimento da vida e da natureza e para revelar ou denunciar as dicotomias” (*Ibidem, Loco citato*).

A terceira possibilidade caracteriza a EA pela compreensão das relações entre sociedade e natureza e pela intervenção nos problemas e conflitos ambientais. Proposta esta argumentada por Carvalho (2004), que defende a potencialidade da EA contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas.

Além dessas três compreensões, esse debate permite uma identificação da condição da EA. Para Cascino (2003), a condição de existência da EA reside na prática e para a prática, sendo a interdisciplinaridade incondicional, em que EA é vista como livre e aberta, mas, antes de tudo, política e ética. Para Loureiro (2004a), a condição primeira da EA é a transformação das condições materiais; portanto, percebendo-a como transformadora. Para Carvalho (2001), o importante é a formação do sujeito ecológico, o educador ambiental como intérprete, e a EA é vista como crítica.

Hoje em dia não basta dizer que se faz EA, mas também é importante expressar à qual orientação teórica e metodológica ela está inserida.

Além disso, é necessário não se limitar a reconhecer a EA como uma das especificidades da educação dentre tantas, pois a questão é mais complexa e mais árdua, haja vista que não se tinha nem se quer apenas um porto seguro de ancoragem da EA na Educação. Foi com muito trabalho e luta que se conquistou um lugar institucional e simbólico na Educação.

O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA FURG: UM BREVE PANORAMA

Diante dessa diversidade e complexidade de possibilidades de definições, classificações e multiplicidades de formas de atuação da EA, pretendo abordar o processo de formação do educador ambiental no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/Furg), que é o único no Brasil a fornecer os títulos de mestre e doutor em EA (até outubro de 2008 foram defendidas 175 dissertações).

Cabe esclarecer que muitos outros Programas de Pós-graduação possuem linhas de pesquisa ou docentes que orientam nessa área. Lorenzetti e Delizoicov (2008) fizeram o estado da arte da produção da pós-graduação em EA e os resultados indicam que na pesquisa em EA, envolvendo as áreas do conhecimento de Ciências Humanas e outras (Ensino), foram produzidas 411 dissertações em 79 programas de pós-graduação distribuídos em 59 Instituições de Ensino Superior no Brasil, no período de 1981 a 2003. No período analisado foram defendidas 32 teses.

Os dados do estudo desenvolvido por Lorenzetti e Delizoicov (2008) sobre a pesquisa na EA mostram a concentração de dissertações em alguns programas de pós-graduação, especialmente na FURG, UFMT, PUC/RJ, Unesp/BAU e Unicamp, que respondem por 38,9% das dissertações. Os autores observam que, paralelamente a essa concentração, em alguns programas e instituição de ensino, há uma dispersão nas produções: 251 dissertações foram produzidas em 74 programas distintos, dos 79 existentes.

Neste trabalho que apresento no III CPEASul, o foco será o PPGEA/Furg.

Nesse sentido, abordando mais especificamente a questão da formação de educadores ambientais, o regimento do PPGEA/Furg diz:

Artigo 1º. O Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande tem por objetivos: [...]

III – formar docentes-pesquisadores capazes de contribuir para a produção de conhecimento e sua transformação no campo da Educação Ambiental, conferindo-lhes o grau de Mestre e o grau de Doutor em educação Ambiental; [...] (REGIMENTO PPGEA/FURG)²

O PPGEA/Furg possui os cursos de mestrado, que foi aprovado em 1994 e teve sua primeira turma em 1995, e de doutorado, sendo este aprovado em 2005 e iniciado em 2006.

² Disponível em <http://www.educacaoambiental.furg.br/regimento/regimento.pdf>, acesso em 12/10/08.

Para a integralização do mestrado, o aluno deverá totalizar um mínimo de 30 créditos, distribuídos da seguinte maneira: 09 créditos em disciplinas obrigatórias, 15 créditos com os demais componentes curriculares³ e 06 créditos em Seminário de Dissertação e Estudos individuais. Para a integralização do doutorado, o aluno deverá totalizar um mínimo de 48 créditos, assim distribuídos: 15 créditos em disciplinas obrigatórias, 21 créditos com os demais componentes curriculares e 12 créditos em Seminários de Tese e Estudos Individuais.

O PPGEA/Furg possui três linhas de pesquisa, quais sejam: Fundamentos da Educação Ambiental (FEA); Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores/as (EAEFE); e, Educação Ambiental Não Formal (EANF).

O corpo docente do PPGEA/Furg, em 2008, é constituído por 31 professores, distribuídos da seguinte forma nas linhas de pesquisa: a) Fundamentos da Educação Ambiental: quatro docentes permanentes e dois colaboradores; b) Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores/as: 11 docentes permanentes e três colaboradores; c) Educação Ambiental Não Formal: oito docentes permanentes e três colaboradores.

COMO É TRABALHAR NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA GRANDE ÁREA DA EDUCAÇÃO?

Existem algumas atividades que são critérios de atuação docente na pós-graduação que são definidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, quais sejam: possuir o título de doutor, ter um projeto de pesquisa vinculado a uma das linhas de pesquisa do programa, ministrar disciplinas e apresentar produção científica qualificada.

No que concerne ao posicionamento ocupado pela EA na grande área da Educação, uma das primeiras indagações que pode ser feita diz respeito ao título de doutor: doutorado em quê? Em qual área de conhecimento? Aqui se tem a primeira especificidade da formação em EA no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Furg. Ainda não existem doutores em EA para formar mestre e doutores. Os primeiros doutores a possuírem o título deverão concluir o curso a partir de 2010.

Então, quem está formando? Na história do PPGEA, desde sua criação, em 1994, os professores orientadores possuem doutorado em diversas áreas, tais como: Educação, Ciências da Educação, Educação em Ciências, Ciências Marinhas, Ciências do movimento humano, Informática na Educação, Psicologia, História, Sociologia, Filosofia, Filosofia da

³ Os demais componentes curriculares são disciplinas optativas, seminários avançados, leituras dirigidas, práticas de pesquisas, tópicos especiais, estágio docência, além de publicações e participações em eventos científicos.

Enfermagem, Enfermagem, Letras, Direito e Ecologia; sendo que predomina os doutores em Educação.

O Programa está localizado na área da Educação na Capes, que é quem aprova, acompanha, financia bolsas e avalia os cursos de pós-graduação no Brasil. Dentro dela, existem as áreas do conhecimento que acompanham os critérios do Conselho Tecnológico e Científico e definem os critérios de cada área. A área da Educação exige que todo o programa de pós-graduação tenha 70% de doutores em Educação. Isso faz com que tenhamos um grupo multidisciplinar predominantemente de educadores. Esse é um aspecto que merece destaque, pois define o processo de identificação do Programa, curso de mestrado e doutorado, com a área da Educação.

O PPGEA/Furg já está consolidado como referência nacional e internacional em termos da Pós-graduação; o seu processo de identificação ao longo de sua existência permite dizer que o programa abriga a identidade plural característica da área, expressa os movimentos do campo e hoje se encontra predominantemente na área da Educação.

Inicialmente, o programa foi pensado a partir de dois campos do conhecimento: Educação e Meio Ambiente, retratando no seu interior a dicotomia presente nessa construção, em que se tinham professores conhecedores da Educação e professores conhecedores das Ciências Biológicas, especialmente do meio ambiente e da oceanologia. E as linhas de pesquisa representam os possíveis contextos de atuação tanto que enfatizam a EA formal, informal e não formal.

Nesse contexto, vive-se intensamente a disputa política pela definição da Educação Ambiental e sua relação com as outras áreas do conhecimento.

Uma das questões diretamente implicada com o processo de identificação e de consolidação do Programa refere-se à consolidação da EA na área de conhecimento da Educação. Desde o início das suas atividades, o PPGEA estava localizado na área da Educação, mas com a aprovação do GT de EA na ANPEd e a discussão da EA como fundamentalmente Educação, e também pelas exigências de doutores em Educação pela Capes, o PPGEA volta-se mais intensamente para as questões educacionais.

Isso significa dizer que a Educação Ambiental é uma especificidade da área da Educação? E qual a diferença de dizer que toda a Educação Ambiental é Educação ou que Educação Ambiental é fundamentalmente Educação?

Pode ser que um dia só exista a Educação na perspectiva de formação integral e complexa do ser humano, mas até lá há um compromisso histórico com as diversas especificidades da Educação.

Não fazer ou não explicitar a articulação do que se faz como EA é um prejuízo para a própria área.

Muitos trabalhos utilizam-se dos princípios da EA no sentido de verificar, confrontar ou cotejar esses princípios no que está sendo feito; no entanto, o importante é ir além disso para não se cristalizar nessa modalidade e assumir inexoravelmente a EA na pesquisa.

Os docentes, quando chegam ao PPGEA, trazem sua bagagem teórico-metodológica, filosófica e política, as quais são vistas como uma das dimensões necessárias ao campo da EA, mas ao atuarem como professores, pesquisadores e orientadores incorporam (ou não) as questões socioambientais. Muitas vezes a apropriação das discussões e da especificidade da EA é constituída principalmente na relação de orientação. Desse modo, o arcabouço teórico-metodológico que fez com que o docente fosse inserido no PPGEA passa a ser uma das dimensões que compõe o novo olhar e as novas práticas no campo da EA, o que exige um exercício de aprofundamento e de transformação do fazer e do saber, tanto da EA como do docente. Essa é a grande riqueza da diversidade que compõe o corpo docente. Porém, se o docente permanecer com o seu referencial sem dialogar com os autores da EA, sem estabelecer interlocução com a especificidade da área, quer seja por meio da produção científica quer seja por meio dos eventos, corre o risco de não se apropriar da EA, pois seu trabalho caracterizar-se-á predominantemente dentro da sua formação e titulação, e não no campo da EA.

Se as formações dos docentes são diversas, a dos discentes é ainda muito mais ampla, haja vista que se tem a presença das mais diferentes áreas de conhecimento. Novamente esse dado revela a riqueza de áreas e o quanto a EA está despertando o interesse e a procura das mais variadas áreas de formação.

Uma das potencialidades do PPGEA/Furg reside na diversidade de formação e de interesses, que devem convergir para as questões sociais e ambientais.

O processo de constituição realiza-se ou não no percurso de formação. As angústias, as inseguranças, as dúvidas são intensamente vividas tanto por aqueles que vêm de uma área tradicionalmente mais próxima da EA, como é o caso tanto das ciências biológicas e da militância ecologista quanto daqueles que migram das ciências humanas, sociais, letras e artes.

A EA não é um locus seguro, um porto de ancoragem que abriga e da guarida à primeira vista, é um desassossego, é crise, é ressignificação de conhecimentos e de posturas diante da realidade.

Mas, isso só acontece em um programa de Pós-graduação em Educação Ambiental? Claro que não. Vive-se em plena crise paradigmática e em disputas acirradas pelas diferentes teorias e correntes que coexistem nesse contexto, desde clássicas, modernas e pós-modernas, se é que se pode assim falar.

Esse não é um fenômeno exclusivo da pós-graduação, pois atravessa todo o processo de formação inicial e continuada, mas na pós é mais explicitado e exige do pós-graduando certo conhecimento das tendências em discussão e em disputa, e também certo posicionamento.

A EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE, PESQUISADORA E ORIENTADORA

Desde que ingressei no PPGEA/Furg ministro a disciplina Abordagem Sócio-histórica e Educação Ambiental, que aborda os pressupostos teórico-metodológicos e filosóficos, as categorias e conceitos fundamentais do enfoque sócio-histórico e da teoria de Vygotsky, bem como enfatiza as contribuições para a formação de professores e implicações para a EA.

Durante a época que estava na coordenação do PPGEA, assumi a responsabilidade da disciplina Seminário de Educação Ambiental com a proposta de integrar os docentes do programa; o ideal era que todos participassem de todos os encontros, pois assim conheceríamos o que estão fazendo, bem como suas perspectivas de EA. Infelizmente isso não ocorreu. Em função das outras atividades, os professores, na sua maioria, só compareceram no dia agendado para a sua apresentação, com exceção de mim e de uma outra colega, que acompanhamos todos os encontros.

Com o início do doutorado, em 2006, essa disciplina, Seminário de EA, foi oferecida apenas aos doutorandos, e a partir desse espaço os professores responsáveis encaminharam uma proposta de Especialização *lato sensu* que está sendo ministrada a distância.

Nas reuniões com os docentes, os discentes sistematicamente retornavam com uma reivindicação: um espaço para aprofundar os conteúdos da EA.

Atendendo a essa reivindicação dos alunos, no segundo semestre de 2007, voltei a oferecer a disciplina na modalidade de seminário, em que os discentes participavam ativamente das discussões em torno de quatro eixos definidos no conteúdo programático,

quais sejam: 1) Trajetória e fundamentos da EA, em que se estuda a história, os princípios e os pressupostos da EA; 2) A EA: várias vertentes, em que se discutem as diversas denominações e classificações e possibilidades conceituais da EA; 3) A EA no Brasil, no qual se analisa a história e os documentos e leis, e também o Programa Nacional de EA; e, 4) O(A) Educador(a) Ambiental, em que se abordam algumas possibilidades teóricas e práticas de conceber a formação e a constituição do educador ambiental e a invenção do sujeito ecológico.

Em 2007, os alunos estavam tão entusiasmados com as discussões que planejaram e ministraram três cursos de extensão oferecidos a diferentes públicos. Os cursos foram os seguintes: 1 - Encontros com a Educação Ambiental; 2 - Diálogos com os autores da EA; 3 - Repensando a EA no espaço formal dirigido aos professores municipais e estaduais. Os dois primeiros foram direcionados aos interessados em debater e conhecer os autores e a própria EA.

Essas discussões atravessam o cotidiano do PPGEA nas disciplinas, nos corredores, no centro de convivência e são intensamente debatidas no Seminário de EA que estou ministrando neste semestre.

Nesse sentido, a formação do educador ambiental no PPGEA/Furg acontece por meio da constituição do pesquisador, e a questão da pesquisa e da metodologia de pesquisa torna-se fundamental nesse projeto. As pesquisas do PPGEA, na sua maioria, são pesquisas qualitativas.

O Seminário de Pesquisa Qualitativa, que este ano teve sua 7ª edição, atingiu um público maior e agregou outro programa (o Programa de Pós-graduação em Ciências, uma parceira entre a Furg, a UFRGS e a UFSM) e instituições, como a Faculdade de Educação da UFPEL.

Além dos Seminários de Pesquisa Qualitativa, um outro evento promovido pelo PPGEA, apenas para destacar mais um que tem marcado a história do Programa como um espaço de formação, de socialização e de divulgação das produções científicas e dos relatos de experiências na pesquisa e na intervenção em EA, é o Congresso Nacional de Alfabetização e Educação Ambiental. O I Congresso Nacional de alfabetização e Educação Ambiental – I Conalfea - foi uma aposta arriscada, pois o que se estava propondo era algo inusitado no campo, uma vez que não se queria confundi-lo com a proposta da alfabetização ecológica, mas sim discutir e refletir acerca da EA imbricada nos cotidianos da Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos, nos espaços formais, informais e não formais de ensino. Na

primeira edição, foram 450 participantes e na segunda, realizada em abril de 2008, o Conalfea rompeu as fronteiras nacionais e se internacionalizou, atingindo a expressiva presença de 850 participantes.

A construção, a promoção e a execução desses eventos têm se constituído como um espaço rico de intercâmbios e trocas de experiências e abrigado educadores ambientais em diferentes momentos e contextos de formação.

Atualmente, estou orientando duas pesquisas que investigam o processo de constituição dos educadores ambientais no PPGEA/Furg. Uma é sobre a base afetivo-volitiva (desejos e necessidades, interesses e emoções, motivações e vontades) na constituição dos(as) educadores(as) ambientais doutorandos(as) do PPGEA, em que se constatou a necessidade de estudar o grupo de doutorandos que possuem o título de mestre em EA, por serem os primeiros inseridos totalmente em um processo próprio de formação em EA. A outra pesquisa investigará os processos de constituição dos docentes-pesquisadores, orientadores do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Furg. Nessa pesquisa, os sujeitos da investigação serão os professores com diferentes formações e titulações que foram credenciados no curso de doutorado e que já possuem uma experiência de orientação no curso de mestrado, ou seja, já orientaram no mínimo quatro dissertações em EA. Nesse sentido, pretende-se investigar o movimento de se tornar ou não um educador ambiental atuando na formação de mestrandos e doutorandos no Programa de Pós-graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer a discussão sobre as diversas possibilidades de identificação da EA, as relações constitutivas do campo com toda a complexidade que a engendrou em diversos momentos históricos, políticos e econômicos, o objetivo foi o de ressaltar o processo de produção, apropriação e intervenção da EA e da formação de educadores ambientais. São várias as dimensões que os constituíram, o que não significa que essa diversidade favoreça o relativismo absoluto, o pluralismo indiferenciado ou o niilismo, onde tudo e nada são a mesma coisa, em que as lutas e as conquistas sociais, singulares e coletivas ficam diluídas e desconexas da realidade. O fato de possuir uma história marcada pela diversidade de teorias e práticas, pelo respeito à diferença de idéias e modos de viver, pelo fato de ser múltipla, mutável e contraditória, não permite que se fale em uma EA homogênea, única. Porém, não elimina a necessidade de confrontação de teorias, de idéias e de argumentos, as quais podem

ser superadas e transformadas pela práxis, pela ação, reflexão e ação junto com disputas internas e externas ao seu campo.

Nessa perspectiva, o educador ambiental não pode ser visto como um ser homogêneo, atomizado e uniforme, mas sim como uma unidade na multiplicidade, contraditória e mutável. Essas orientações possibilitam a superação da visão fragmentada e dicotomizada da realidade social e da concepção de ser humano como algo cindido e retalhado da natureza.

Os referenciais teórico-metodológicos da Abordagem Sócio-histórica, especialmente a obra de Vygotsky, e da EA transformadora, principalmente as contribuições de Loureiro (2004, 2004a), têm possibilitando o enfrentamento dos desafios conceituais, empíricos e metodológicos e dos dilemas éticos e políticos na elaboração e compreensão de novos modos de ser e devir na formação continuada de educadores ambientais. São projetos educativos emancipatórios que nascem comprometidos com as transformações sociais, com as classes subalternas, em uma perspectiva multiprofissional e interdisciplinar, atualizado nas inovações tecnológicas e tendências contemporâneas, transitando entre as diferentes abordagens e a diversidade de atuação e de intervenção na EA, sobretudo pautados pela (re)invenção e pela criação, sem perder o horizonte dos fundamentos epistemológicos e ontológicos que caracterizam essas abordagens.

Na formação de educadores ambientais, considera-se o homem na sua totalidade, tanto nos aspectos biológicos, semióticos, inconscientes e afetivos quanto nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, considerando-se que ele faz parte natureza, que se relaciona com os outros, com o mundo, com as outras espécies e com o planeta. Segundo Loureiro,

A educação transformadora busca redefinir o modo como nos relacionamos conosco, com as demais espécies e com o planeta. Por isso é vista como um processo de politização e publicização da problemática ambiental por meio do qual o indivíduo, em grupos sociais, se transforma e à realidade. Aqui não cabe nenhuma forma de dissociação entre teoria e prática; subjetividade e objetividade; simbólico e material; ciência e cultura popular; natural e cultural; sociedade e ambiente. (LOUREIRO, 2004a, p. 81-82).

O encontro e o diálogo da Abordagem Sócio-histórica com a Educação Ambiental crítica (CARVALHO, 2004, 2004a) transformadora e emancipadora (LOUREIRO, 2004, 2004a) apresenta inúmeras possibilidades de interlocução, uma vez que os processos de subjetivação e de objetivação e as questões socioambientais são compreendidos em uma perspectiva ética, mais precisamente em um eixo ético-político, potencializador da vida e da

mudança social e ambiental. Os princípios da Educação Ambiental fundamentados no diálogo, na solidariedade, na construção da cidadania, na luta e no reconhecimento da participação são considerados essenciais na transformação das relações sociais e na conquista de uma sociedade com mais justiça, preocupada com a justiça ambiental e, sobretudo, com menos desigualdade social. A potencialidade do sujeito na relação com o outro, consigo mesmo, com o planeta, buscando superar as formas de dominação capitalistas e tentando compreender o mundo e o ambiente na sua complexidade e a vida na sua totalidade.

O pensamento de Paulo Freire orientou a construção deste texto e expressa a maneira como concebo a formação em EA, uma vez que explicita claramente a mutualidade constitutiva do processo educativo:

... embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 1998, p. 25)

REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. C. de M. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

_____. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

_____. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004a.

CASCINO, Fabio. *Educação ambiental: princípios, história, formação de professores*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GUIMARÃES, M. *Educação ambiental: no consenso um embate?* Campinas, SP: Papirus, 2000.

LIMA, G. F. da C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. L.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (orgs.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2005.

LORENZETTI, Leonir & DELIZOICOV, Demétrio. Uma análise da pesquisa em educação ambiental desenvolvida na área de ciências humanas. *Anais do VII Seminário de Pesquisa em*

Educação da Região Sul: Pesquisa em Educação e inserção social. ANPEdSul, Univali: Itajaí, 2008.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental.* São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Educação ambiental transformadora. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira.* Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004a.

MOLON, S. I. Vygotsky: um pensador que transitou pela filosofia, história, psicologia, literatura e estética. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M. (orgs.). *O pensar do ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.* Brasília: MEC/UNESCO, 2006.

QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira.* Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

SATO, M. & CARVALHO, I. (orgs.). *Educação ambiental: pesquisa e desafios.* Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAUVÉ, L.; ORELLANA, I. A Formação Continuada de Professores em Educação Ambiental: a proposta EDAMAZ. In: SANTOS, J.E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de pandora.* São Carlos: RIMA, 2003.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M. & CARVALHO, I. (orgs.) *Educação Ambiental: pesquisa e desafios.* Porto Alegre: Artmed, 2005.

TOZONI-REIS, M. F. de C. *Educação ambiental: natureza, razão, história.* São Paulo: Autores Associados, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Comissão de Curso do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental. Ata nº 06/2005 – Texto complementar à Deliberação do COEPE nº 62 de 29/11/1999. Aprova o Regimento do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental em 11/05/2005. Disponível em <http://www.educacaoambiental.furg.br/regimento/regimento.pdf>, acesso em 12/10/08.